

LINGUAGEM COMUM E LITERATURA: UM ESTUDO WITTGENSTEINIANO DA OBRA DE S. BECKETT

Aluno: Ana Carolina Cabral

Orientador: Helena Martins

Introdução

A dificuldade em mapear o território da linguagem no que concerne ao sentido atinge um novo grau com a disseminação contemporânea das visões anti-representacionistas. Uma das conseqüências mais conhecidas dessa crise representacional é o enfraquecimento de algo que antes a tradição reconhecia menos dificuldades em apontar: a fronteira que separa a linguagem comum da linguagem literária, cujas supostas “marcas” agora insistem em se misturar entre si. Do que antes se fazia uso para demarcar o território literário, agora parece tornar-se traço de qualquer tipo de manifestação lingüística. Binômios como o literal e o metafórico, o denotativo e o conotativo, o factual e o valorativo, o compreendido e o interpretado – o real e o ficcional – já não respondem satisfatoriamente como elementos distintivos. Contudo, um interesse pela literatura como lugar especial e diferenciado de expressão convive com esse sentimento de indistinção: a delicada e pouco compreendida economia entre gestos contemporâneos de distinção e indistinção de manifestações literárias e não literárias da linguagem convida à investigação e à reflexão. Auxiliando nessa investigação, o pensamento anti-representacionista do segundo Wittgenstein sobre o que seria a “linguagem comum” se mostra relevante e de extrema utilidade no enfrentamento das dificuldades levantadas por esse contexto.

Em paralelo ao que vem ocorrendo no campo teórico, a identidade da linguagem comum é posta em questão, também com freqüência, em textos literários contemporâneos. Esse é, sem dúvida, o caso da obra de Samuel Beckett, cujos “ataques” à linguagem comum, longe de simplesmente confirmarem a particularidade de um literário “especial” frente a um ordinário “banal”, provocam-nos a pensar sobre os próprios limites e deslimites da linguagem e sobre suas divisões socialmente reconhecidas.

Objetivos

Partindo de um entendimento wittgensteiniano da "linguagem comum", caracterizar o jogo entre o ordinário e o extra-ordinário na literatura de um dos mais importantes autores modernos, cuja obra mobiliza reconhecidamente, e de forma central, a questão da linguagem e do sentido: Samuel Beckett.

Metodologia

A metodologia da pesquisa seguida neste projeto consistiu em: (a) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias sobre a perspectiva wittgensteiniana da linguagem comum; (b) pesquisa bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias relativas ao autor selecionado; e (c) trabalho analítico e crítico sobre textos selecionados, tendo em vista os objetivos enunciados e o posicionamento teórico adotado.

Conclusões

Dada a natureza teórica da presente pesquisa, os resultados são aqui apresentados em forma de observações, ao contrário da precisão dos resultados que se esperariam de outros tipos de pesquisa.

Como o objetivo do trabalho era identificar e caracterizar o jogo entre o ordinário e o extra-ordinário, partindo do que Wittgenstein chamava de “linguagem comum”, nas obras de Samuel Beckett, a primeira etapa consistiu naturalmente em caracterizar o que seria, nas Investigações de Wittgenstein, a linguagem comum.

Entre os muitos aspectos que foram considerados relevantes para este estudo, merece destaque neste resumo o seguinte: para o filósofo, a linguagem comum, a linguagem que de fato usamos, é heterogênea no que tange à determinação de sua função – não tem qualquer vocação essencial e não se deixa governar por qualquer racionalidade transcendente. Não é, portanto, contra o que supôs uma longa tradição, primeira ou necessariamente literal, denotativa, referencial, banal ou qualquer outro adjetivo usado para caracterizar de forma reducionista a linguagem ordinária. Ela se caracteriza justamente por não se deixar reduzir e inclui, em seu espaço indizivelmente múltiplo de práticas, a prática da literatura. No entanto, Wittgenstein reconhece no dia-a-dia dessa linguagem comum *expectativas* que refletem a crença numa imagem representacionista da linguagem, expectativas em larga medida infundidas no próprio senso comum pela penetração histórico-cultural do representacionismo no ocidente. São essas expectativas que são sistematicamente provocadas e frustradas nos trechos selecionados da obra de Beckett.

Concluído o estudo da visão wittgensteiniana da linguagem comum, a atividade seguinte consistiu na leitura das obras selecionadas de Beckett, a saber, as novelas “Primeiro Amor”, “O Expulso”, “O Calmante” e “O Fim”, e as peças *Esperando Godot*, *Fim de Partida* e *Dias Felizes*, e, em seguida, a seleção e análise de trechos que apresentavam interesse no que diz respeito ao jogo entre a linguagem ordinária e extra-ordinária.

Nas novelas, foi possível identificar certos procedimentos lingüísticos recorrentes: a perturbação da integridade de expressões prontas, o uso desconcertante de tempos e modos verbais, a desestabilização de expectativas quanto à separação entre o literal e o figurativo, o uso desconcertante de sinais de coesão, discrepâncias entre palavra e contexto, superliteralizações (circunlóquios) e uso singular de termos metalingüísticos. Nesses trechos também foi possível identificar certos eixos temáticos ou motivos recorrentes, notadamente o cenário da expulsão, o corpo e o tempo. Nos diálogos e monólogos das peças, foi possível identificar procedimentos semelhantes: desestabilização de expectativas quanto à separação entre o literal e o figurativo, desestabilização de expectativas quanto a perguntas retóricas, relações subvertidas entre a fala e o entorno em jogos de linguagem e o descompasso entre o que se diz e o que se faz.

Podemos concluir que tanto no pensamento do segundo Wittgenstein como no uso que Samuel Beckett faz da linguagem em suas obras literárias, identifica-se um abismo onde tradicionalmente acreditou-se estabelecida uma ligação objetiva entre a linguagem e o mundo. Os ataques de Beckett às expectativas quanto ao funcionamento da linguagem no dia-a-dia comprovam, no entanto, que a crença numa imagem representacionista da linguagem é real. Abalando essas crenças ou expectativas, tanto um quanto outro autor investem contra uma perspectiva homogeneizante da linguagem ordinária, dando a ver o estranho *no* comum.